

Santificação

Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade João 17:17

Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição 1 Ts 4:3

Receio que o tema da santificação seja excessivamente repellido por muitos.

No entanto, o assunto não merece ser tratado dessa maneira.

Não se trata de um inimigo, mas de um amigo.

Se a Bíblia diz a verdade, então, é certo que a menos que nos "santifiquemos", não seremos salvos. Há três componentes que, de acordo com a Bíblia, fazem parte daqueles que são salvos: Essas três coisas são a justificação, regeneração e santificação. Todas se encontram em todo filho de Deus. Aquele a quem falta qualquer dessas três coisas não é um verdadeiro crente aos olhos de Deus; quem for achado nessa condição não será encontrado no céu e nem será glorificado no último dia.

Ultimamente têm aparecido doutrinas muito estranhas acerca deste assunto da santificação. Alguns parecem confundi-la com justificação. Outros a reduzem a nada, alegando serem zelosos defensores da livre graça. Outros temem tanto que as "obras" tornem-se uma parte da justificação que quase nem encontram lugar para elas em sua religião. Ainda outros estabelecem diante dos seus olhos algum padrão errôneo de santificação, e, não conseguindo atingir esse padrão, passam a vida transferindo-se de uma igreja para outra, de um templo para outro, de uma seita para outra, na vã esperança de que encontrarão o que desejam. Consideremos:

1. A verdadeira natureza da santificação.
2. Os sinais visíveis da santificação.
3. No que a justificação e a santificação se assemelham e no que diferem.

Entenda que não se trata de uma questão de "nomes e palavras".

1. A natureza da santificação.

Em primeiro lugar, precisamos considerar a natureza da santificação.

O que a Bíblia entende por homem "santificado"?

A santificação é aquela operação espiritual interna que o Senhor Jesus Cristo realiza em uma pessoa pelo Espírito Santo, quando Ele a chama para ser um crente verdadeiro. Não somente Ele a lava dos seus pecados, mediante o Seu próprio sangue, mas também a separa de seu apego natural ao pecado e ao mundo, criando um novo princípio em seu coração e tornando-a piedosa **na vida prática**. O instrumento mediante o qual o Espírito efetua essa obra geralmente é a Palavra de Deus, embora algumas vezes use as aflições e as visitas providenciais "sem palavra alguma".

1 Pe 3:1 Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa.

O beneficiário dessa operação de Cristo, mediante o Seu Espírito, é chamado nas Escrituras de homem "santificado".

O Senhor Jesus realizou tudo quanto é necessário para as almas de Seu povo; livra-nos da culpa do pecado e do seu domínio sobre nós, conferindo o Espírito Santo aos nossos corações; a fim de nos justificar e também com o propósito de nos santificar.

1 Coríntios 1:30 Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.

Cristo realiza tanto a santificação quanto a justificação do Seu povo.

A. A santificação, pois, é o invariável resultado da união vital com Cristo, que a verdadeira fé confere a um crente.

João 15:5 Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

O ramo que não produz fruto, não faz parte da videira como uma porção viva. A união com Cristo que não produz qualquer efeito sobre o coração e a vida não passa de uma união meramente formal. A fé que não envolve uma influência santificadora sobre o caráter da pessoa não é melhor que a fé dos demônios.

- É uma "fé morta, por estar sozinha".
- Não é o dom de Deus.
- Não é a fé dos eleitos de Deus.

Em resumos, onde não há a santificação da vida, não há fé real em Cristo. A verdadeira fé opera através do amor. Ela constrange o homem a viver para o Senhor, movido por profundo senso de gratidão pela redenção recebida. O fará sentir que nunca poderá fazer demais por Aquele que por ele deu a vida. Sendo muito perdoado, muito ama. Aquele que é purificado pelo sangue de Cristo, anda na luz. Aquele que tem uma esperança real e viva em Cristo, purifica-se a si mesmo, assim como Ele é puro.

Tiago 2:17-19 Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé. Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem.

B. A santificação, uma vez mais, é o resultado e a inseparável consequência da regeneração. Aquele que nasceu de novo e foi feito uma nova criatura, recebe uma nova natureza e um novo princípio, e passa a viver uma nova vida. Uma regeneração que permite um homem viver descuidadamente no pecado ou no mundanismo é uma regeneração falsa.

- Todo aquele que permanece nele pratica a justiça – **I João 2:29 Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.**

- Todo aquele que permanece nele não vive pecando – **I João 3:6** **odo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu.**
- Todo aquele que permanece nele ama aos irmãos – **I João 3:11** **Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros.**
- Todo aquele que permanece nele vence o mundo – **I João 5:4-5** **Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?**

Resumindo, onde não há santificação também não há regeneração, e onde não há vida santa também não há novo nascimento. Sem dúvida, essa é uma declaração dura, segundo muitos pensam; mas, dura ou não essa é a verdade da Bíblia. Ficou claramente registrado que aquele que nasceu de Deus é aquele em que:

1 João 3:9 **Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus.**

C. A santificação, é a única indiscutível evidência da presença habitadora do Espírito Santo. O Espírito nunca permanece dormente e ocioso numa alma; mas sempre torna a Sua presença conhecida pelo fruto que faz brotar no coração, no caráter e na vida.

Gálatas 5:22-23 **Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei.**

Sempre que essas virtudes se fazem presentes, ali está o Espírito; onde essas virtudes não aparecem, os homens estão mortos diante de Deus. O Espírito é comparado ao vento, e, tal como o vento, não pode ser visto por nossos olhos físicos. Porém, da mesma maneira que sabemos que o vento existe através dos efeitos produzidos sobre as ondas, as árvores e a

fumaça, assim também podemos saber que o Espírito está em um homem através dos efeitos que produz na conduta desse homem.

É insensatez imaginar que temos o Espírito, se também não estamos andando "no Espírito"

Gálatas 5:25 Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito.

Podemos depender do fato, com a mais positiva certeza, de que não há viver santo onde não há o Espírito Santo.

O selo estampado sobre o povo de Deus, pelo Espírito Santo, é a santificação.

D. A santificação é o único sinal seguro da salvação divina. Sem dúvida, os nomes e o número dos salvos são segredos, o qual Deus, sabiamente, reservou para a Sua própria autoridade, não os revelando ao homem. Não nos é concedido estudar as páginas do livro da vida a fim de verificar se os nossos nomes estão ali. Mas se há algo claro e indubitavelmente ensinado acerca da salvação é o seguinte: os homens e as mulheres eleitos podem ser conhecidos e distinguidos por suas vidas santas. Consequentemente quando o apóstolo Paulo percebeu a "fé" atuante, o "amor" operante e a "esperança" paciente dos crentes de Tessalônica, disse:

I Tessalonissences 1:3-4 Recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição.

Aquele que se orgulha de ser um dos escolhidos de Deus, ao mesmo tempo em que voluntária e habitualmente vive em pecado, está apenas enganando a si mesmo. Naturalmente, é difícil saber o que as pessoas realmente são; e muitos daqueles que exibem religiosidade externamente, na realidade podem ser hipócritas de coração apodrecidos. Mas, onde não há pelo menos alguma aparência de santificação, podemos ter boa margem de certeza de que também não há eleição. O Espírito Santo santifica todos os eleitos de Deus.

E. A santificação, por semelhante modo, é algo que sempre será visto. À semelhança da grande Cabeça da Igreja, que lhe serve de manancial, ela "não pode ser ocultada". Toda árvore é reconhecida pelo seu próprio fruto (Lc, 6:44). Uma pessoa verdadeiramente santificada pode ser tão humilde que nada veja em si mesma senão fraqueza e defeitos. Tui como Moisés, ao descer do monte, pode não ter consciência de que o seu rosto resplandece. À semelhança dos justos, na tremenda parábola das ovelhas e dos bodes, pode não perceber que tem feito alguma coisa digna da atenção e do elogio dd seu Senhor: "Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer?" (Mt. 25:37). Mas, sem importar se ele tem consciência disso ou não, outros sempre verão nele um tom, um gosto e um caráter, um hábito de vida diferente dos outros homens. A própria idéia de que um homem pode estar "santificado", ao mesmo tempo em que não se pode ver santificação em sua vida, não passa de franca insensatez, de abuso de palavras. A luz pode brilhar muito debilmente; mas, se ao menos houver uma fagulha em uma sala escura, ela será vista. A vida pode ser muito débil, mas se o pulso bate, embora fracamente, será sentido. O mesmo acontece com o indivíduo santificado; a sua santificação será algo percebido e visto, embora ele mesmo talvez não a compreenda. Um "santo" em quem coisa alguma pode ser vista, senão mundanismo ou pecado, é uma espécie de monstro que a Bíblia não aprova!

F. A santificação, além disso, é algo pelo qual todo crente é responsável. Ao assim dizer, não quero ser mal entendido. Tão firme quanto qualquer um, digo que todo o homem sobre a terra é responsável diante de Deus, e que todos os perdidos ficarão mudos e sem desculpa naquele último dia. Toda pessoa tem a capacidade de "perder a sua alma" (Mt. 16:26). Mas, enquanto afirmo isso, mantenho que os crentes são eminente e particularmente responsáveis, estando sob uma obrigação toda especial de viverem vidas santas. Eles não são como outros: mortos, cegos e não renovados espiritualmente, mas estão vivos para Deus, são possuidores de luz e de conhecimento, dispondo de um novo princípio que atua

no seu interior. De quem será a culpa, se eles não forem santos, senão deles mesmos? Sobre quem podem lançar a acusação, se não estiverem santificados, senão sobre si mesmos? Deus, que lhes conferiu graça e um novo coração, bem como uma nova natureza, privou-os de toda a possibilidade de desculpa, se não estiverem vivendo para Seu louvor. Esse é um ponto que anda por demais esquecido. O homem que se professa verdadeiro crente, ao mesmo tempo em que se contenta com um baixíssimo grau de santificação (se é que tem algum), e que friamente diz que "nada pode fazer", exibe um quadro lamentável, além de ser um homem muito ignorante. Vigiem e estejamos em guarda contra tal ilusão. A Palavra de Deus sempre dirige os seus preceitos a crentes, considerando-os responsáveis, como quem prestará contas de suas próprias vidas. Se o Salvador dos pecadores nos proporciona a graça renovadora, chamando-nos através do Seu Espírito, podemos estar certos de que Ele espera de nós a utilização da Sua graça a fim de não cairmos na indiferença. Tal atitude faz muitos crentes "entristecerem o Espírito Santo", tornando-os crentes inúteis, que se sentem mal consigo mesmos.

7. A santificação, junte-se a isso, é algo que admite crescimento e que pode ter graus. Um homem pode subir de um nível para outro, em sua santidade, estando muito mais santificado em um período de sua vida do que em outro. Mais perdoado e mais justificado do que quando creu a princípio ele não pode ser, embora possa senti-lo mais intensamente. Porém, mais santificado certamente ele pode ser, porque cada graça em seu novo caráter pode ser fortalecida, ampliada e aprofundada. Esse é o sentido óbvio da última oração de nosso Senhor em favor de Seus discípulos, quando usou as palavras "santifica-os". E também é o sentido da oração de Paulo pelos tessalonicenses: "O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo" (João 17:17; I Ts. 5:23). Em ambos os casos, a expressão claramente dá a entender a possibilidade de uma crescente santificação. Ao mesmo tempo, uma expressão como "justificaos" nunca é empregada nas Escrituras acerca dos crentes, porque

um crente não pode ser mais justificado do que já o foi. Não encontro qualquer apoio, nas Escrituras, para a doutrina da "santificação imputada". Para mim, essa parece ser uma doutrina que confunde coisas que diferem uma da outra e que leva a péssimas conseqüências. Não menos importante, essa é uma doutrina frontalmente contradita pela experiência de todos os mais santificados crentes. Se há um ponto em torno do qual os mais dedicados santos de Deus concordam, esse é o seguinte: eles percebem mais, conhecem mais, sentem mais, fazem mais, arrependem-se mais e crêem mais à medida em que prosseguem na vida espiritual, e na proporção da proximidade com Deus em sua caminhada cristã. Em suma, eles "crescem na graça", conforme o apóstolo Pedro exorta os crentes a fazerem; e, no dizer de Paulo, que eles continuem "progredindo cada vez mais" na santificação (11 Pe. 3:18; I Ts. 4:1).

8. A santificação também é algo que depende em muito do uso diligente dos meios bíblicos. Quando falo em "meios", tenho em vista a leitura da Bíblia, a oração privada, a freqüência regular à adoração pública, o ouvir constante da Palavra de Deus e a participação regular na Ceia do Senhor. Afirmo como um simples fato que ninguém que se descuida quanto a esses exercícios pode conseguir grande progresso no caminho da santificação. Não tenho descoberto registro de qualquer grande santo de Deus que se tenha mostrado negligente para com estes assuntos. São canais determinados, através dos quais o Espírito Santo transmite sempre novos suprimentos da graça à alma crente, fortalecendo a obra que Ele já iniciara no homem interior. Que os homens chamem isso de doutrina legal, se assim quiserem fazê-lo, mas jamais deixarei de declarar a minha crença de que "sem esforço não há avanço espiritual". Seria a mesma coisa esperar que um agricultor pudesse prosperar, contentando-se em semear o seu campo, sem nunca se importar com ele até ao tempo da colheita, e esperar que um crente pudesse adquirir uma boa medida de santidade, quando não se mostra diligente na leitura da Bíblia, na oração e no uso apropriado do domingo.

Deus opera através de meios, e Ele nunca abençoará uma alma que pretenda ser tão elevada e espiritual que possa dispensar esses exercícios, como se fossem desnecessários.

9. A santificação, por igual modo, é uma coisa que não impede que um homem experimente intenso conflito espiritual interior. Por

44

Santidade

conflito entendo aquela luta no íntimo, no coração, entre as naturezas antiga e nova, a carne e o espírito, as quais podem ser encontradas juntas em todo crente (Gl. 5:17). Um profundo senso desse conflito, acompanhado por grande desconforto mental, não é prova de que um homem não esteja santificado. Antes, acredito que isso seja um sintoma saudável da nossa condição espiritual, mostrando que não estamos mortos, mas vivos. O verdadeiro crente é alguém que não apenas desfruta de paz em sua consciência, mas que também experimenta guerra no seu interior. Ele pode ser conhecido tanto por seus conflitos quanto pela sua paz. Ao assim afirmar, não me esqueço de que estou contradizendo os pontos de vista de alguns crentes bem intencionados, mas que ensinam a doutrina denominada "perfeição impecável". Nada posso fazer quanto a isso. Creio que aquilo que afirmo é confirmado pela linguagem do apóstolo Paulo, em Romanos 7. Recomendo que os meus leitores façam um estudo cuidadoso desse capítulo de Romanos. Satisfaço-me em pensar que ali não é descrita a experiência de um homem não-convertido, ou de um crente ainda jovem e inexperiente, e, sim, de um santo antigo e experimentado, em íntima comunhão com Deus. Pois ninguém, senão um homem assim, poderia declarar: "... no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus" (Rm. 7:22). Além disso, creio que aquilo que estou dizendo é comprovado na experiência de todos os mais eminentes servos de Cristo. A prova definitiva desse fato pode ser vista em seus diários, autobiografias

e vidas. Por conseguinte, acreditando nisso, não hesitarei jamais em dizer às pessoas que o conflito interior não serve de prova de que eles não estejam santificados, somente porque não se sentem inteiramente libertos da luta interna. Tal liberdade, não há dúvida, haveremos de desfrutar lá no céu; mas nunca poderemos usufruir dela neste mundo. O coração do mais piedoso crente, em seus melhores momentos, é um campo ocupado por duas forças rivais. Que as palavras dos artigos treze e quinze da nossa confissão de fé sejam bem consideradas por todos os membros de igreja: "Embora nascidos em Cristo e batizados, erramos em muitas coisas; e, se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós". 1

10. A santificação, igualmente, é algo que não pode justificar a um homem, apesar de agradar a Deus. Isso pode parecer inacreditável, e, no entanto, é a verdade. As mais santas ações dos homens mais santos que já viveram são mais ou menos eivadas de defeitos e imperfeições. Ou

1 - "A guerra do diabo é melhor do que a paz do diabo. Suspeitemos da santidade muda. Quando um cão é guardado fora de casa, ele uiva ao ser trazido de novo para dentro." "Misturas contrárias, como fogo e água, entram em conflito interior." "Quando Satanás encontra um coração santificado, tenta-o com grande importunação. Quando há muito de Deus e de Cristo, há fortes assaltos e brasas lançadas contra as janelas, causando a alguns de grande fé serem tentados a duvidar." (Samuel Rutherford, *The Trial and Triumph of Faith*, pág. 403.)

Santificação

45

eles estão equivocados quanto aos seus motivos, ou mostram-se defeituosos na concretização dos seus atos; e, em si mesmos, não são mais do que "esplêndidos

pecadores", nada merecendo senão a ira e a condenação de Deus. Supor que tais ações podem resistir à severidade do julgamento divino, expiar o pecado e merecer o céu é idéia simplesmente absurda. " ... ninguém será justificado diante dele por obras da lei.." "Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Rm. 3:20 e 28). A única retidão com a qual podemos comparecer diante de Deus é a retidão de Outrem - a perfeita retidão de nosso Substituto e Representante, Jesus Cristo, o Senhor. A nossa única garantia de ingresso no céu é a obra dEle, e não a nossa. Essa é uma verdade que, para mantê-la, devemos estar dispostos até mesmo a morrer. A despeito disso, as Escrituras ensinam-nos distintamente que as santas ações de uma pessoa santificada, embora imperfeitas, são agradáveis a Deus. " ... pois com tais sacrifícios Deus se compraz" (Hb. 13:16). "Filhos, em tudo obedeci a vossos pais; pois fazê-lo é grato diante do Senhor" (Cl. 3:20). " ... fazemos diante dele o que lhe é agradável" (1 João 3:22). Que esse ponto jamais seja esquecido, porquanto é uma doutrina muito consoladora. Tal como um pai alegra-se diante dos atos de seu filhinho, que deseja agradá-lo, embora trate-se apenas do ato de apanhar uma margarida ou do esforço de dar os primeiros passos, assim também nosso Pai celeste agrada-se diante das pobres realizações de Seus filhos crentes. Ele leva em conta o motivo, o princípio e a intenção dos atos deles, e não meramente a quantidade ou a qualidade desses atos. Pois o Pai considera os crentes membros de Seu próprio Filho querido, e, por causa dEle, sempre que houver sinceridade, Deus se agrada dos atos deles. Aqueles eclesiásticos que põem em dúvida essa questão, deveriam estudar o décimo-segundo artigo da nossa confissão de fé.

11. Novamente, a santificação é algo que será absolutamente necessário como testemunha de nosso caráter, no grande dia do juízo. Será perfeitamente inútil afirmarmos que cremos em Cristo, a menos que a nossa fé demonstre santificação em nossas vidas. Evidência, evidência, evidência será a única prova aceita perante o grande trono branco, quando os

livros forem abertos, quando os túmulos entregarem seus ocupantes, quando os mortos forem convocados ao tribunal de Deus. Sem alguma evidência de que a nossa fé em Cristo era real e genuína, ressuscitaremos apenas para ser condenados. Não posso ver como qualquer outra evidência será aceita naquele dia, além da santificação. A questão não será como falamos e o que professamos, e, sim, como vivemos e o que fizemos. Que ninguém engane a si mesmo quanto a esse particular. Se há algo certo sobre o futuro, é que haverá um julgamento; e se há algo certo acerca do julgamento, é que as "obras" e os "feitos" dos homens serão considerados e examinados ali (João 5:29; II Co. 5:10; Ap. 20:13). Aquele que pensa que as obras não têm importância,

46

Santidade

porquanto não nos podem justificar, é um crente extremamente ignorante. A menos que abra os olhos, descobrirá para sua própria perda que, se ele chegar diante do tribunal de Deus sem alguma evidência da graça divina, melhor lhe seria nunca haver nascido.

12. A santificação, em último lugar, é absolutamente necessária, para treinar-nos e preparar-nos para o céu. A maioria dos homens espera chegar ao céu quando morrerem; mas bem poucos, é de temer-se, preocupam-se em considerar se conseguirão apreciar o céu, se ali chegarem. O céu é essencialmente um lugar santo; seus habitantes são todos santos; suas atividades são todas santas. Se tivermos de ser felizes no céu, então é claro e patente que teremos de ser, pelo menos em parte, treinados e preparados para o céu enquanto ainda estamos na terra. A noção de um purgatório após a morte, capaz de transformar pecadores em santos, é uma invenção mentirosa dos homens, e em parte alguma é ensinada na Bíblia. Teremos de ser santos antes de morrer, se quisermos ser santos quando estivermos na glória. A idéia favorita de muitos, de que os moribundos de

nada mais precisam senão da absolvição e perdão de pecados, a fim de prepará-los para a grande mudança, é uma profunda ilusão. Carecemos tanto da atuação do Espírito Santo quanto da obra de Cristo: precisamos ter o coração renovado bem como da expiação pelo sangue; precisamos tanto ser justificados quanto santificados. É comum ouvir pessoas a dizer em seu leito de morte: "Quero apenas que o Senhor me perdoe os pecados e me leve para o descanso eterno". Porém, aqueles que dizem tais coisas esquecem-se do fato que o descanso celestial seria inteiramente inútil para nós, se não possuíssemos um coração capaz de desfrutar do céu! O que faria um homem não-santificado no céu, se, porventura, conseguisse chegar lá? Consideremos essa questão com toda a franqueza, e respondamos com honestidade. Ninguém pode se sentir feliz em um lugar onde não se encontra à vontade, onde tudo ao seu redor não combina com os seus gostos, caráter e hábitos. Quando uma águia sentir-se feliz em uma gaiola de ferro, quando uma ovelha sentir-se feliz dentro da água, quando uma coruja sentir-se feliz sob o resplendente sol do meio-dia, quando um peixe sentir-se feliz em terra seca - então, mas não antes, admitirei que um homem não-santificado poderá sentir-se feliz no céu. 1

Tenho firmado essas doze proposições a respeito da santificação

I - "Não há imaginação mais tola e perniciosa, que costuma caracterizar os homens, do que esta - que pessoas não purificadas, não santificadas, cujas vidas não são santas, supostamente possam ser levadas à aquele estado de bemaventurança que consiste no aprazimento de Deus. Nem tais pessoas desfrutariam de Deus, e nem Deus seria uma recompensa para elas. A santidade, na verdade, será aperfeiçoada no céu, mas os seus primórdios invariavelmente estão confinados a este mundo" (John Owen on the Holy Spirit, Works, Vol. iii, págs. 574-5, Banner of Truth Trust, 1977 .)

Santificação

47

com a firme convicção de que elas dizem a verdade, e solicito que todos aqueles que as lerem ponderem detidamente a respeito. Cada uma dessas proposições poderia ser expandida e manuseada de forma mais plena, e todas elas merecem um tratamento e uma consideração ainda maiores. Algumas serão disputadas e combatidas; mas duvido muito que qualquer delas possa ser derrubada ou provada como falsa. Somente peço para elas um ouvir atento e razoável. Na minha consciência, creio que elas servirão para ajudar as pessoas a terem uma compreensão mais clara sobre a santificação.

2. Evidências visíveis da santificação.

Passo agora a abordar o segundo ponto que me propusera considerar. Esse ponto são as evidências visíveis da santificação. Em uma palavra, quais são os sinais visíveis de um homem santificado? O que poderíamos esperar ver nele?

Essa é uma área muito ampla e difícil do nosso assunto. Por ser ampla requer a menção de muitos detalhes que não podem ser plenamente tratados dentro dos limites de uma obra como esta. Por ser difícil não podemos abordá-la sem ofender a alguns. Porém, a verdade deve ser expressa sem importar os riscos; e, existem aspectos da verdade que precisam ser especialmente frisados nos dias em que vivemos.

1. A verdadeira santificação, pois, não consiste em conversar sobre assuntos religiosos. Esse é um ponto que jamais deveria ser esquecido por nós. A grande intensificação do ensino e da pregação, nestes últimos dias, torna absolutamente necessário que ergamos a voz em tom de advertência. As pessoas ouvem tão continuamente a verdade do evangelho que contraem uma doentia familiaridade com suas palavras e expressões, chegando, algumas vezes, a falar tão fluentemente sobre as suas doutrinas que até poderíamos pensar que elas são crentes autênticos. De fato, é causa de desgosto e aversão ouvir a linguagem fria e impudente com que muitos falam sobre "a conversão, o Salvador, o evangelho, a busca

pela paz, a graça gratuita", e outros temas similares, ao mesmo tempo em que estão notoriamente servindo ao pecado e vivendo para o mundo. Poderíamos duvidar que tal conversação é abominável aos olhos de Deus, sendo apenas pouco melhor do que as maldições, os juramentos falsos e o uso do nome de Deus em vão? A língua não é o único membro do corpo que Cristo requer que ponhamos ao Seu serviço. Deus não quer que o Seu povo seja apenas trombetas vazias, ou címbalos que tilintam. É mister que sejamos santificados não somente " ... de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade" (1 João 3:18).

2. A verdadeira santificação não consiste em sentimentos religiosos passageiros. Novamente, esse é um ponto a respeito do qual se faz grandemente necessária uma certa palavra de cautela. A atividade missionária e as reuniões de reavivamento estão atraindo grande atenção em todas as

48

Santidade

regiões do país, produzindo uma imensa sensação. A Igreja de nossos dias parece haver recebido um novo influxo de vida, exibindo uma atividade renovada; e deveríamos agradecer a Deus por isso. Essas coisas, porém, fazem-se acompanhar de perigos tanto quanto de certas vantagens. Sempre que o trigo é plantado, o diabo certifica-se em semear o joio. Muitos, poderíamos rezear, parecem sentir-se tocados, sensibilizados e despertados sob a pregação do evangelho, quando, na realidade, os seus corações em coisa alguma foram transformados. Uma espécie de emoção animal, baseada no contágio de ver outras pessoas chorando, regozijando-se ou sendo afetadas, é a verdadeira explicação do que lhes acontece. Suas feridas são superficiais e a paz que professam sentir também é superficial. À semelhança dos ouvintes duros como pedra, eles recebem a Palavra "com alegria" (Mt.

13:20). Entretanto, após algum tempo, desviam-se e retornam ao mundo, tornando-se mais duros e piores do que antes. Tal como a planta de Jonas, eles aparecem subitamente em uma noite, e, na noite seguinte perecem. Essas realidades não deveriam ser esquecidas. Tenhamos cuidado, durante estes dias de curas superficiais, para não clamarmos "Paz, paz", quando não há paz. Requeiramos, da parte de todos aqueles que demonstram um renovado interesse pela religião cristã, que nunca se contentem com menos do que a obra profunda, sólida e santificadora do Espírito Santo. As conseqüências de um emocionalismo falso tornam-se uma mortífera doença da alma. Quando o diabo é expulso de uma vida apenas temporariamente, devido ao calor de algum reavivamento, mas pouco a pouco retorna à sua habitação, o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. É mil vezes melhor começar com lentidão e, então, continuar com perseverança "na Palavra", do que começar precipitadamente, sem calcular o custo, para afinal olhar para trás, como fez a esposa de Ló, e assim, retornar ao mundo. Declaro que desconheço estado de alma mais perigoso do que imaginar que nascemos de novo e estamos sendo santificados pelo Espírito Santo, simplesmente por havermos sentido algumas poucas sensações religiosas.

3. A verdadeira santificação não consiste em formalismo externo ou em devoção exterior. Essa é uma enorme ilusão, embora, infelizmente, seja bastante comum. Milhares de pessoas parecem imaginar que a verdadeira santidade manifesta-se em grande demonstração de religiosidade corporal, como a freqüência constante aos cultos da igreja, a participação na Ceia do Senhor e a observância de dias santos e de jejuns, em multiplicadas medidas, gesticulações e posturas, durante a adoração pública, na austeridade auto-imposta e nas auto-negações caprichosas, no uso de vestes peculiares e no emprego de santinhos e crucifixos. Admito prontamente que algumas pessoas aceitam essas coisas por motivo de consciência, acreditando que elas realmente podem ajudar as suas almas. Porém, receio que, em muitos casos, essa religiosidade

Santificação

49

externa apenas substitui a santidade interna; e estou perfeitamente certo de que ela fica muito aquém da santificação do coração. Acima de tudo, quando noto que muitos seguidores desse estilo externo, sensual e formal de cristianismo vivem absorvidos pelo mundanismo, jogando-se em sua exuberância e vaidade, sem qualquer senso de pudor, sinto que há grande necessidade de falarmos claramente sobre o assunto. Pode haver muito "serviço de corpo", ao mesmo tempo em que não há uma fagulha sequer de autêntica santificação.

4. A santificação não consiste em nos retirarmos de nossas ocupações comuns da vida, renunciando aos nossos deveres sociais. Em cada época, tem servido de armadilha para muitos seguir essa linha na busca pela santidade. Centenas de eremitas se têm confinado em algum deserto, e milhares de homens e mulheres se têm enclausurado dentro das muralhas dos mosteiros e dos conventos, laborando sob a vã noção de que, ao assim fazer, poderão escapar do pecado, tornando-se notavelmente santos. Esses têm-se esquecido que nenhum ferrolho ou tranca pode manter fora o diabo, e que, por onde quer que andemos, levamos conosco aquela raiz de todos os males, os nossos próprios corações. Tornar-se monge, ou freira, ou unir-se a casa de misericórdia, não é o caminho mais direto para a santificação. A verdadeira santificação não leva o crente a procurar evitar as dificuldades; antes, leva-o a enfrentá-las e conquistá-las. Cristo queria que o Seu povo mostrasse que a Sua graça não é como uma planta de estufa, que só pode desenvolver-se sob abrigo; antes, queria que mostrássemos que a graça divina é algo forte e vigoroso, que pode florescer sob quaisquer relações da vida diária. A santificação consiste em cumprirmos os nossos deveres, nas circunstâncias em que fomos chamados por Deus -

como o sal em meio à corrupção, ou a luz em meio às trevas - o que é um dos elementos primários da santificação. O tipo bíblico do homem santificado não é o homem que se oculta em uma caverna, mas o que glorifica a Deus como senhor ou como servo, como pai ou como filho, na família ou nas ruas, no mundo dos negócios ou no comércio. Nosso Senhor mesmo disse, em Sua última oração: "Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal" (João 17:15).

5. A santificação não consiste na casual realização de ações corretas. Antes, é a operação habitual de um novo princípio celestial que atua no íntimo, influenciando toda a conduta diária de uma pessoa, tanto nas grandes quanto nas pequenas coisas. A sua sede é o coração, e, tal como o coração físico, exerce uma influência regular sobre cada aspecto do caráter de uma pessoa. Não se assemelha a uma bomba de água, que só fornece água quando alguém a aciona; mas parece-se mais com uma fonte perpétua, de onde a torrente jorra perene e espontaneamente, com naturalidade. O próprio Herodes ouvia João Batista "de boa mente", ao mesmo tempo em que o seu coração era inteiramente mau aos olhos de Deus (Me. 6:20). Por semelhante modo, há vintenas de pessoas hoje

50

Santidade

em dia que parecem ter ataques espasmódicos de "atos de bondade", conforme os poderíamos chamar, e que fazem muitas coisas boas sob a influência da enfermidade, da aflição de morte na família, das calamidades públicas ou de algum súbito estertor da consciência. Contudo, o tempo todo qualquer pessoa inteligente poderá observar claramente que tais indivíduos não se converteram, e que eles nada conhecem acerca da "santificação". Um verdadeiro santo, tal como Ezequias, age "de todo o coração" e poderá

dizer, juntamente com o salmista: "Por meio dos teus preceitos consigo entendimento; por isso detesto todo caminho de falsidade" (II Cr. 31:21; Sl. 119:104).

6. A santificação genuína manifesta-se no respeito habitual à lei de Deus, bem como no esforço habitual por viver na obediência a ela como a grande regra de vida. Não existe engano maior do que a suposição de que um crente nada tem a ver com a lei e os dez mandamentos, somente porque ele não pode ser justificado mediante a guarda da lei. O mesmo Espírito Santo que convence o crente de pecado por intermédio da lei, e que o conduz até aos pés de Cristo a fim de ser justificado, também sempre o conduzirá à utilização espiritual da lei, como um guia amigo, na busca pela santificação. Nosso Senhor Jesus Cristo nunca deu pouco valor aos dez mandamentos. Pelo contrário, em Seu primeiro discurso público, o Sermão da Montanha, Ele os explicou, mostrando a natureza perscrutadora dos seus requisitos. O apóstolo Paulo nunca menosprezou a lei; pelo contrário, ele escreveu: "Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo .. '!' " ... no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus" (I Tm. 1:8; Rm. 7:22). Aquele que pretende ser santo ao mesmo tempo em que despreza os dez mandamentos, e pensa que é de menos mentir, ser hipócrita, enganar o próximo, ter explosões de mau-humor, caluniar, embriagar-se e desobedecer ao sétimo mandamento, está vivendo sob uma temível ilusão. Ele verá que será muito difícil provar que é "santo" naquele último dia!

7. A santificação genuína manifesta-se no esforço habitual de fazer a vontade de Cristo, vivendo de conformidade com os Seus preceitos práticos. Esses preceitos podem ser encontrados dispersos nos quatro evangelhos, e, sobretudo, no Sermão da Montanha. Aquele que supõe que eles foram proferidos sem o intuito de promover a santificação, e que o crente não precisa dar-lhes atenção em sua vida diária, na verdade é pouco melhor do que um louco, e, seja como for, é uma pessoa grosseiramente ignorante. Segundo se

ouve alguns homens falarem, e quando se lê o que certos homens escrevem, poder-se-ia imaginar que nosso bendito Senhor, quando estava neste mundo, jamais ensinou outra coisa senão doutrina, deixando que outros ensinassem a respeito dos deveres práticos! O mais superficial conhecimento sobre os quatro evangelhos deveria ser suficiente para ensinar-nos que essa idéia envolve um completo equívoco. O que os discípulos de Cristo deveriam ser e fazer é continuamente

Santificação

51

salientado nos ensinamentos de nosso Senhor. Um homem verdadeiramente santificado jamais se esquecerá disso. Ele está servindo àquele Senhor que disse: "Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando" (João 15:14).

8. A santificação genuína manifesta-se através do desejo habitual de viver segundo os padrões para as igrejas, estabelecidos pelo apóstolo Paulo em seus escritos. Esses padrões podem ser encontrados nos capítulos finais de quase todas as suas epístolas. A idéia comum de muitas pessoas, de que os escritos de Paulo somente contêm declarações doutrinárias e de assuntos controvertidos - justificação, eleição, predestinação, profecias e outros assuntos semelhantes - é uma completa ilusão, bem como uma melancólica prova da ignorância a respeito das Escrituras, que prevalece nestes nossos últimos dias. Desafio qualquer pessoa a ler cuidadosamente os escritos do apóstolo Paulo sem encontrar nos mesmos grande acúmulo de claras orientações práticas, atinentes ao dever do cristão, em cada relacionamento da vida, e acerca de nossos hábitos diários, de nosso temperamento e de nossa conduta de uns para com os outros. Essas orientações foram registradas por inspiração divina, para orientação perpétua aos crentes professos. Aquele que não dá atenção a essas normas talvez possa ser aceito como membro de uma igreja ou

denominação evangélica, mas certamente não será aquilo que a Bíblia chama de homem "santificado".

9. A santificação genuína manifesta-se através da atenção habitual às graças divinas ativas que nosso Senhor tão lindamente exemplificou, especialmente no caso da graça do amor. "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (João 13:34,35). Um homem santificado procurará fazer o bem neste mundo, diminuindo a tristeza e intensificando a felicidade de todos ao seu redor. Terá por alvo ser semelhante ao seu Senhor, 1 pleno de gentileza e amor para com todos; não de palavra apenas, chamando as pessoas de "queridas", mas mediante feitos e ações abnegados, conforme se lhe oferecer a oportunidade. O egoísta cristão professo, que se convence presunçosamente de seu conhecimento superior, parecendo com nada importar-se - se os outros

1 - "Nos evangelhos, Cristo nos é apresentado como o nosso padrão e exemplo de santidade; assim como é uma maldita imaginação que esse era o propósito inteiro de Sua vida e morte, ou seja, exemplificar e confirmar a doutrina de santidade por Ele ensinada, assim também negligenciar o fato de que Ele é o nosso exemplo, enquanto pela fé assim O consideramos, e não nos esforçarmos por nos amoldar a Ele, é algo mau e pernicioso. Portanto, devemos viver na contemplação daquilo que Ele foi, fez e como se conduziu em todos os Seus deveres e tribulações, até que uma imagem ou idéia de Sua santidade perfeita seja implantada em nossas mentes e, por esse meio, nos tomemos semelhantes a Ele' (John Owen on the Holy Spirit, Works, Vol. III, pág. 513, Banner of Truth Trust, 1977.)

nadam ou afundam, ou se vão para o céu ou para o inferno, desde que ele freqüente a igreja em seu melhor terno e seja considerado "membro" - desconhece inteiramente a santificação. Talvez ele se julgue um grande santo na terra, mas não o será no céu. Cristo jamais será o Salvador daqueles que não sabem o que é seguir o Seu exemplo. A fé salvadora e a graça real da conversão sempre produzirão alguma conformidade com a imagem de Jesus (Cl. 3:10).

10. A santificação genuína, em último lugar, manifesta-se por meio da atenção habitual às graças passivas do cristianismo. Quando falo em graças passivas, quero dar a entender aquelas graças que são especialmente demonstradas mediante a submissão à vontade de Deus, quando nos suportamos e toleramos mutuamente. Poucas pessoas, talvez, a menos que já tenham examinado esse ponto, fazem idéia de quanta coisa é dita a respeito dessas graças nas páginas do Novo Testamento. É sobre esse ponto específico que o apóstolo Pedro dá ênfase, ao ressaltar a pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo como o exemplo ao qual devemos dar atenção: "Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca, pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (1 Pe. 2:21-23). Esse é também o compromisso que a oração do Pai Nosso requer de nossa parte: " ... perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores .. ." (Mt. 6:12). Esse é o ponto sobre o qual o Senhor comentou no fim dessa oração. Esse é igualmente o ponto que ocupa um terço da lista do fruto do Espírito, fornecida pelo apóstolo Paulo. Nove são os aspectos do fruto do Espírito, e três deles, a longanimidade, a benignidade e a mansidão, inquestionavelmente são graças passivas (ver Gl. 5:22, 23). Sinto-me na obrigação de dizer claramente que não penso que esse assunto esteja sendo suficientemente considerado pelos crentes. As graças

passivas, sem nenhuma sombra de dúvida, são mais difíceis de atingir do que as graças ativas, embora sejam precisamente as graças que exercem a maior influência sobre o mundo. De uma coisa estou bem certo: é insensatez fingir santificação, se não estivermos seguindo a mansidão, a longanimidade e a benignidade, porquanto a Bíblia salienta essas virtudes. As pessoas que habitualmente dão lugar a atitudes intempestivas e caprichosas na vida diária, e que se mostram continuamente ferinas no uso da língua, desagradáveis para todas as pessoas ao redor - pessoas dignas de dó, vingativas, exigentes, maliciosas, e das quais, infelizmente, o mundo anda cheio! - todas elas conhecem pouco do que deveriam conhecer sobre a realidade da santificação.

Santificação

53

Esses são os sinais visíveis de um homem santificado. Todavia, não quero dizer que todos possam ser igualmente vistos em todos os membros do povo de Deus. Admito livremente que mesmo nos melhores crentes esses sinais não são plena e perfeitamente demonstrados. Porém, afirmo, com toda a confiança, que as coisas sobre as quais venho falando são sinais bíblicos da santificação, e que aqueles que nada sabem sobre eles dificilmente são possuidores da graça divina. Sem importar o que outros queiram afirmar, nunca deixarei de insistir que a santificação genuína é algo que pode ser visto, e que os sinais que me tenho esforçado por esboçar são, em termos gerais, os sinais de uma pessoa santificada.

3. A distinção entre a justificação e santificação.

Esse lado de nosso assunto reveste-se de grande importância, embora, talvez não pareça ser assim para todos os meus leitores. Quero tratar desse aspecto pelo menos resumidamente, não querendo deixá-lo inteiramente de lado. Um número grande de

peças inclina-se por olhar apenas superficialmente as distinções entre assuntos teológicos, como se fossem questões de "palavras e nomes" apenas, revestidas de bem pouco valor real. Porém, advirto a todos quantos se preocupam com suas próprias almas que, a falta de "distinção" entre coisas que diferem, dentro da doutrina cristã resulta em grande desconforto. Aconselho especialmente aos que amam a paz, que procurem ter pontos de vista claros da questão à nossa frente. Sempre precisaremos lembrar que a justificação e a santificação são duas coisas distintas. Contudo, há pontos em que elas concordam e outros em que discordam. Procuremos descobrir quais são esses pontos.

Portanto, no que se assemelham a justificação e a santificação? a. Ambas procedem originalmente da graça gratuita de Deus. É somente por motivo de Seu dom que os crentes chegam a ser justificados e santificados.

b. Ambas fazem parte da grandiosa obra de salvação que Jesus Cristo, dentro do pacto eterno, resolveu realizar em favor do Seu povo. Cristo é a fonte da vida, de onde fluem tanto o perdão dos pecados quanto a santificação. A raiz de cada uma dessas coisas é Jesus Cristo.

c. Ambas podem ser encontradas nas mesmas pessoas. Aqueles que são justificados, também são sempre santificados; aqueles que são santificados sempre foram justificados. Deus uniu essas duas realidades espirituais, e elas não podem ser separadas uma da outra.

d. Ambas começam ao mesmo tempo. No momento em que uma pessoa começa a ser um crente justificado, também começa a ser um crente santificado. Talvez ela não sinta isso, mas é um fato.

e. Ambas são igualmente necessárias à salvação. Ninguém jamais chegou ao céu sem um coração renovado acompanhado pelo perdão, sem a graça do Espírito Santo acompanhada pelo sangue de Cristo, sem estar

54

Santidade

devidamente preparado para a glória eterna e ao mesmo tempo ser possuidor do título que lhe dá direito a ela. Uma coisa é tão necessária quanto a outra.

Esses são os pontos em torno dos quais concordam entre si a justificação e a santificação. Agora, vamos reverter o quadro, verificando no que essas duas verdades diferem.

a. A justificação é quando Deus declara que um homem é justo, com base nos méritos de um outro homem, a saber, o Senhor Jesus Cristo. A santificação é o desenvolver progressivo da justiça no interior do homem, mesmo que ocorra muito lentamente.

b. A retidão que recebemos mediante a nossa justificação, não é nossa própria, mas é a perfeita eterna retidão do nosso grande Mediador, Jesus Cristo, atribuída a nós e tornada nossa somente através da fé. Porém, a retidão que temos, por meio da santificação, é a nossa própria retidão, insuflada, inerente, em nós operada pelo Espírito Santo, embora misturada com grande debilidade e imperfeição.

c. Na justificação, as nossas próprias obras não desempenham qualquer papel, e a simples confiança em Cristo é a única coisa que se faz mister. Na santificação, as nossas próprias obras revestem-se de vasta importância; Deus ordena que lutemos, vigiemos, creiamos, nos esforcemos e labutemos.

d. A justificação é uma obra terminada e completa, e um crente está perfeitamente justificado a partir do instante em que crê. No entanto, a santificação é uma obra imperfeita, comparativamente falando; jamais será aperfeiçoada enquanto não chegarmos ao céu.

e. A justificação não admite qualquer desenvolvimento ou aumento; um homem está tão justificado na hora em que vem a Cristo, mediante a fé, como o será por toda a eternidade.

A santificação, contudo, tem natureza eminentemente progressiva, admitindo um crescimento e uma ampliação contínuos, enquanto o crente estiver vivo.

f. A justificação tem uma referência especial à nossa pessoa, à nossa posição diante de Deus, à nossa libertação da culpa. A santificação, porém, está especialmente relacionada à nossa natureza e à renovação moral dos nossos corações.

g. A justificação nos confere o direito de ir para o céu, bem como a ousadia de ali ingressar. A santificação nos torna adequados para habitar no céu, capacitando-nos a usufruir dele quando ali estivermos habitando.

h. A justificação é um ato de Deus a nosso respeito, não podendo ser facilmente percebido por outras pessoas. A santificação é uma obra de Deus dentro de nós, não podendo ser ocultada em suas manifestações externas aos olhos dos homens.

Destaco essas distinções diante da atenção de todos os meus leitores, rogando-lhes que ponderem detidamente sobre elas. Estou

Santificação

55

persuadido de que uma das grandes causas das trevas e dos sentimentos de desconforto de muitas pessoas bem intencionadas, nessa questão da religião cristã, é o hábito que têm de confundir, ao invés de distinguir, a justificação da santificação. Jamais poderá ser salientado em demasia, diante das nossas mentes, que essas são duas realidades separadas. Não há dúvida de que elas não podem ser separadas uma da outra. Aquele que participa de uma, participa também da outra. Entretanto, jamais deveriam ser confundidas entre si e a distinção que há entre elas jamais deveria ser esquecida.

Resta-me agora somente concluir esse assunto mediante algumas poucas e claras palavras de aplicação. A natureza e os sinais visíveis da santificação foram salientados diante de nós. Quais reflexões práticas a questão inteira deveria levantar em nossas mentes?

1. Antes de tudo, despertemos à percepção do estado perigoso de muitos crentes professos. Sem a santificação ninguém verá ao Senhor; não há salvação sem a santificação (Hb. 12:14). Portanto, quanta religiosidade existe que para nada serve! Quão imensa é a proporção de freqüentadores de igrejas que se encontram na larga estrada que conduz à perdição! Esse pensamento é terrível, esmagador e avassalador. Oh, quem dera que pregadores e mestres abrissem os olhos e percebessem a condição das almas ao seu redor! Oh, que os homens pudessem ser persuadidos a fugir "da ira vindoura"! Se almas não-santificadas podem realmente ser salvas e ir para o céu, então, a Bíblia não diz a verdade. Não obstante, a Bíblia é veraz e não pode mentir! Que terrível acontecimento será o fim dos tempos!

2. Em seguida, certifiquemo-nos acerca da nossa própria condição, jamais descansando enquanto não sentirmos e soubermos que estamos "santificados". Quais são os gostos, as escolhas, as preferências e as inclinações? Essa é a grande pergunta sondadora. Pouco importa o que desejamos, o que esperamos e o que planejamos ser antes de morrer. Mas, o que somos agora? O que estamos fazendo? Estamos vivendo de maneira santa ou não? Se a resposta é não, a falta é toda nossa.

3. Também, se queremos ser santificados, o nosso caminho é claro e simples: iniciemo-lo indo a Cristo. Precisamos nos aproximar dEle como pecadores, sem qualquer outra justificativa senão a nossa total necessidade, deixando as nossas almas aos Seus cuidados, mediante a fé, a fim de obtermos paz e reconciliação com Deus. Precisaremos nos entregar em Suas mãos, como que nas mãos de um bom médico, clamando a Ele por misericórdia e graça. Não poderemos trazer conosco qualquer coisa à guisa de recomendação. O primeiro

passo no caminho da santificação, não menos do que no da justificação, consiste em vir a Cristo com fé. Primeiramente teremos de viver, e então trabalhar.

4. Além disso, se quisermos crescer na santificação, tornandonos mais santificados, teremos de prosseguir continuamente, tal como

56

Santidade

começáramos, fazendo sempre novos apelos aos recursos de Cristo. Ele é a Cabeça de onde cada membro deve ser suprido (ver Ef. 4:16). Viver a vida da fé, diariamente, na dependência ao Filho de Deus, e valer-se diariamente da Sua plenitude e da graça e força prometidas, que Ele providenciou para o Seu povo - esse é o grande segredo do progresso na santificação. Os crentes que parecem haver parado nessa escalada geralmente negligenciam a comunhão íntima com Jesus, e assim entristecem o Seu Santo Espírito. Aquele que orou, "santifica-os", na noite anterior à Sua crucificação, está infinitamente disposto a ajudar todos quantos, mediante a fé, apelam a Ele em busca de ajuda, desejando tornar-se mais santos.

5. Acrescente-se a isso que não devemos esperar muito dos nossos corações, aqui neste mundo. Em nossos melhores momentos, encontraremos em nós mesmos razões diárias para nos humilharmos, descobrindo que somos necessitados devedores à misericórdia e à graça divinas a cada instante. Quanto maior luz tivermos tanto mais seremos capazes de perceber as nossas próprias imperfeições. Éramos pecadores quando iniciamos a carreira cristã, e pecadores seremos enquanto estivermos prosseguindo no caminho. Somos renovados, perdoados e justificados, e, no entanto, pecadores até ao último instante. A nossa perfeição absoluta chegará um dia, e a expectativa pela mesma é uma das razões pelas quais anelamos chegar ao céu.

6. Finalmente, nunca nos envergonhemos de dar grande valor à santificação, contendendo por um elevado padrão de santidade. Enquanto que alguns se satisfazem com um padrão miseravelmente baixo de realização, e outros não se envergonham por viverem sem qualquer santidade - contentes com o mero círculo vicioso de freqüentar a igreja, mas nunca avançando, como um cavalo atrelado à roda de um moinho - nós devemos prosseguir firmemente nas veredas antigas, seguindo pessoalmente a santificação, e recomendando-a com coragem aos nossos irmãos. Essa é a única maneira para alguém tornar-se realmente feliz.

Fiquemos convencidos, sem importar o que outros digam, que a santificação envolve a felicidade, e que o homem que atravessa a vida mais consoladoramente é o homem santificado. Sem dúvida que há alguns verdadeiros crentes que, devido à má saúde, ou às questões de família, ou a outras causas secretas, desfrutam de pouco consolo perceptível, e avançam gemendo por todo o seu caminho ascendente para o céu. Entretanto, esses são casos excepcionais. Via de regra, ao longo da vida, será descoberto que as pessoas "santificadas" são as pessoas mais felizes da terra. Elas usufruem de sólidos consolos que o mundo não pode dar e nem tirar. Os caminhos da sabedoria "são caminhos deliciosos, e todas as suas veredas, paz". "Grande paz têm os que amam a tua lei.." Aquele que não pode mentir foi quem disse: "Porque o meu

Santificação

57

jugo é suave e o meu fardo é leve". Contudo, também ficou escrito: "Para os perversos, todavia, não há paz, diz o Senhor" (Pv. 3:17; Sl. 119:165; Mt. 11:30 e Is. 48:22).1

1 - O tema da santificação reveste-se de uma tão profunda importância, e os equívocos a seu respeito são tantos e tão graves que não me desculpo por recomendar insistentemente

a leitura do livro John Owen on the Holy Spirit (John Owen acerca do Espírito Santo), a todos quantos queíram estudar mais completamente a doutrina da santificação.